

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO “ANIMAIS E ORGANIZAÇÕES”

Leticia Dias Fantinel¹

Tiago Franca Barreto²

Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos³

A teoria organizacional já incorporou o entendimento de que o fenômeno organizativo não corresponde a eventos exclusivamente humanos. Organizamos com nossos pares humanos, claro, mas organizamos também com máquinas, materiais, artefatos e tecnologias. Organizamos com os edifícios em que trabalhamos e com os quais interagimos, com cidades e bairros em que as organizações estão inseridas e que são impactadas e impactam suas operações. Ainda que apareçam menos em nossas teorizações, organizamos com o clima, que permite ou restringe nossas ações pelo calor, pelo frio, pela chuva. Organizamos com os territórios rurais e florestais nas cadeias de produção e consumo de alimentos, de água, de ar que permitem nossa sobrevivência neste planeta. Organizamos de forma recorrente com as bactérias e os vírus, algo que o período da pandemia de Covid-19 nos alertou e com o qual precisamos lidar. E, ainda, para

¹ Doutora em Administração (Universidade Federal da Bahia, Brasil). Professora Associada da Universidade de Brasília. <http://lattes.cnpq.br/8188708807795008>. <https://orcid.org/0000-0002-4589-6352>. leticia.fantinel@unb.br. Endereço para correspondência: Universidade de Brasília, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação. Asa Norte, Brasília, DF, Brasil. CEP: 70910900. Telefone: (55 61) 31070749.

² Doutor em Administração (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil). Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/0257673873603782>. <https://orcid.org/0000-0003-4173-760X>. tiagoefebarreto@gmail.com.

³ Doutora em Administração (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil). Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/5076084880474845>. <https://orcid.org/0000-0002-8412-7062>. barbarabastos@outlook.com.



os fins deste dossiê temático, pensamos ser fundamental ressaltar que organizamos, sim, com animais não-humanos, sejam vivos ou mortos, considerando ou não seus interesses, cotidianamente.

Animais não-humanos estão nas organizações e se relacionam de maneira contínua com processos, práticas e formas organizativas. Há mercados, profissões, empresas e órgãos públicos que se estruturam em torno das relações humano-animais. A chamada indústria pet, por exemplo, mobiliza cifras gigantescas. A produção agropecuária e grande parte dos produtos da indústria alimentícia se viabilizam também pela relação de exploração de animais vivos e mortos em suas cadeias locais e globais de manejo e consumo. O trabalho humano-animal se revela na instrumentalização de habilidades específicas de certas espécies para seu uso em terapias assistidas, ou ainda como guias, vigilantes, pastores, farejadores, resgatistas, entre muitas outras funções. Há ainda espécies que são objetos de experimentação laboratorial na indústria e na ciência. Outras tantas tornam-se objetos de entretenimento em parques, zoológicos, aquários e, mais recentemente, nas onipresentes redes sociais. Suas imagens são usadas para publicidade e venda de diversos tipos de bens e serviços. Populações animais urbanas, rurais e silvestres estão diretamente imbricadas com e têm suas vidas afetadas por práticas organizativas, tanto de grandes corporações quanto de organizações públicas ou da sociedade civil.

Embora essas relações nada tenham de novidade, se pensarmos o histórico de nossa espécie em relação com outras espécies animais, a prática organizacional vem evidenciando crescente demanda sobre animais não-humanos (Hannah & Robertson, 2017), assim como a teoria vem mostrando interesse sobre as relações engendradas nesses contextos (Labatut, Munro & Desmond, 2016; Sayers, Hamilton & Sang, 2019; Coulter, 2022). Em 2014, vimos pela primeira vez a criação de um subtema "Animais e Organizações" no LAEMOS (Conference on Latin American and European Organization Studies). Os mesmos editores organizaram uma edição especial do periódico *Organization*, em maio de 2016. Ainda neste mesmo ano, o tema central da conferência SCOS (Standing Conference on

Organizational Symbolism) era "The Animal" e, em 2017, era "Carne - Flesh and organization". Na sequência, foram publicadas edições especiais desses SCOSs no periódico *Culture and Organization*, em 2018 e 2019, respectivamente. Em 2019, uma edição especial chamada "Organizing Animals" foi publicada na revista *Gender, Work and Organization*. No mesmo ano, o VI CBEO (Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais) contou um Grupo de Trabalho chamado "Animais e Organizações". Esses são exemplos de iniciativas de pesquisa sistemáticas e coletivos realizados em diferentes países, que se somam às publicações individuais de autores em periódicos diversos, que evidenciam a visibilidade do tema, e sinalizam a importância de discutirmos relações organizadas interespecies, com especial atenção aos animais não-humanos.

A publicação deste dossiê é um marco histórico no campo dos Estudos Organizacionais brasileiros, pois é o primeiro compilado de artigos em um periódico na área, que vem somar-se aos esforços que estão sendo desenvolvidos nacional e internacionalmente há menos de uma década em nosso campo. Trata-se de uma iniciativa pioneira no sentido de visibilizar uma agenda de pesquisa nos Estudos Organizacionais que não apenas evidencia e problematiza relações entre processos, práticas, formas organizativas e animais não humanos, mas também que se preocupa em contestar abordagens do fenômenos organizativos a partir unicamente da perspectiva dos humanos que os constituem (Fantinel, 2020; Pina e Cunha, Rego & Munro, 2018; Sayers, 2015). Reconhecemos, nesse caminho, a importância da chamada virada animal (categoria que inclui o humano e não se limita a ele) nos estudos sobre gestão e organizações, ao evidenciar o histórico de invisibilização do tema no campo (Labatut, Munro & Desmond, 2016) e de objetificação desses sujeitos (Sage *et al.*, 2016; Sayers, Hamilton & Sang, 2019; Tallbert & Hamilton, 2022).

Enfatizamos nosso compromisso, desde a chamada do dossiê, em discutir relações entre animais não-humanos e organizações a partir de epistemologias não funcionalistas (trabalhos críticos ou interpretativistas) e de uma pluralidade de abordagens, para além do antropocentrismo, que muitas vezes marca a produção

de saberes e fazeres organizacionais, especialmente no contexto em que vivemos, caracterizado por emergências planetárias, catástrofes ambientais e climáticas, extinções e pandemias. Geralmente, artigos nessas epistemologias, costumam vir de teorias reconhecidas da perspectiva animalista (Adams, 2012; Joy, 2014; Regan, 2001; Singer, 2009), mas que também podem passar por outros campos teóricos, como o Dark Side das organizações (Barreto *et al.*, 2017), Teoria Ator-Rede (Doré & Michalon, 2017), pós-humanismo (Knight & Sang, 2019) ou ontologias recíprocas (Haraway, 2011), dentre outras possibilidades.

Este dossiê tem um significado especial para nós, que o editoramos. Ficamos muito felizes em reunir contribuições produzidas a partir de pesquisas desenvolvidas em diferentes campos do conhecimento, bem como não apenas em território brasileiro. Foram sete textos aprovados: cinco artigos teórico-empíricos, além de uma entrevista e um depoimento, que abrem e fecham o dossiê, respectivamente. Apresentamos tais textos a seguir.

Abrimos o dossiê com uma entrevista realizada com Verónica Policarpo, fundadora e coordenadora do Human-Animal Studies Hub do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Na entrevista, a pesquisadora nos apresenta o campo dos Human-Animal Studies e, com ela, refletimos sobre as possibilidades de interseção aos Estudos Organizacionais. Nosso interesse foi apresentar um panorama geral deste campo emergente no mundo lusófono e fora dele, sua constituição política e institucional, suas metodologias, desafios e agendas. De forma transversal, abordamos também possíveis conexões com os estudos sobre gestão e organizações.

O artigo intitulado "Abandono de cães e gatos: levantamento bibliográfico e documental sobre causas, implicações e experiências de gestão no Brasil e no mundo", de Leonardo Barros Costa Pinto, Aluane Silva Ferreira e Pavel Dodonov, debruça-se sobre o abandono dos animais ditos domésticos e seus impactos na gestão pública. Discutindo a partir de eixos como o bem-estar animal, a saúde pública e a conservação da biodiversidade, o texto evidencia a invisibilidade de

registros, mostrando que os dados são imprecisos e difusos, dificultando a tomada de decisões e gerando ações pontuais e descontínuas. Por meio da realização de uma revisão bibliográfica, uma das conclusões obtidas é de que é necessário um combinado de iniciativas do poder público e da sociedade civil em diferentes formas organizativas para a elaboração e implementação de políticas públicas voltadas para esse fim. Dentre essas políticas, emergem aquelas em torno de cuidados veterinários e saúde animal, de educação ambiental, da gestão de ambientes urbanizados e de integração de processos humanos a processos ecológicos. Ainda, exemplos de práticas de gestão com esse fim são apresentadas, na América Latina e fora dela.

O segundo artigo, que tem o nome de “Ecos de um cativeiro: o processo (des) informacional sobre a exportação das dezoito girafas”, de autoria de Érica Quadros do Amaral, Fabio Alves Gomes de Oliveira, Ana Paula Assumpção e Andressa da Silva Muniz, joga luzes sobre o zoológico como uma forma organizativa de topologia especista, conforme classificação desenvolvida no próprio artigo. Para isso, discute-se o grave caso da morte de três das dezoito girafas importadas da África para o Brasil pelo estabelecimento BioParque Rio em 2021, que gerou grande repercussão midiática. Nessa discussão, as autorias mobilizam referenciais de três campos científicos: Ciência da Informação, Estudos Ecofeministas e Estudos Críticos Animais. Os dados são advindos de cobertura jornalística e entrevistas concedidas por especialistas e pesquisadores. A categoria da (des)informação emerge como fundamental para discussão do caso, bem como a ética do cativeiro enquanto uma topografia zoológica. Por fim, a educação ecofeminista animalista é apontada como possível caminho em torno da ética da percepção, na busca pela superação do especismo estrutural.

Na sequência, o ensaio “Acordos e relações entre humanos e abelhas na composição da transição agroecológica”, de Janice Alves Trajano e Renata Menasche, debruça-se sobre encontros, negociações e relações de cuidado entre abelhas e humanos nas práticas agroecológicas de uma família que vive no sertão pernambucano. Neste território, a lógica de “convívio com o semiárido” vem

substituindo a de “combate à seca”, que vigorou por tanto tempo no imaginário e nas práticas locais. O “plantar a água” se insere nessa lógica, em que humanos compõem com vegetais a fim de contornar a escassez de água da região. Foram utilizadas caminhadas etnográficas com integrantes da família estudada, observação participante e entrevistas não estruturadas no período da pesquisa de campo. O estudo de caso, realizado entre 2019 e 2021, evidencia as relações entre a presença e o trabalho das abelhas com a produtividade, a manutenção e a reprodução das plantas, além da promoção da diversidade de espécies que habitam o local. Ao analisar as relações entre abelhas e humanos em um agroecossistema, o trabalho evidencia um tensionamento nos ideais de harmonia e de horizontalidade entre as espécies em um sistema criado pelos humanos para atender aos interesses da vida humana.

O quarto artigo, de Leticia Poliak Almeida e Juan Martin Dabezies, tem como título “El problema no son los perros. Una mirada antropológica al debate de los perros sueltos en Uruguay” e problematiza as tensões em torno da situação de cães soltos, abandonados e/ou errantes em terras uruguaias, algo bastante familiar a vários países latino-americanos, como o Brasil. O artigo o caracteriza como um problema ambiental e socioeconômico de crescente interesse público e aborda as redes de organizações e sujeitos que se entrelaçam nesse contexto, como abrigos de animais, organizações da sociedade civil, órgãos estatais, pessoas que atuam no voluntariado e membros das comunidades locais. Por fim, conclui diagnosticando a precariedade de políticas públicas, que abordam insuficientemente o tema, e a falta de educação e ferramentas para visibilizar a vulnerabilidade desses animais não humanos.

Em seguida, o artigo de Eveline Baptistella, “Refugiados ambientais e uma nova ordem urbana” traz uma reflexão sobre a questão dos animais silvestres que se refugiam cada vez mais nos espaços urbanos e, a partir disso, os desdobramentos na organização das cidades. Trata-se de um estudo teórico-empírico que reúne dados observacionais e documentais que, coletados no Pantanal Norte (MT), trazem a importância da inserção dos animais não humanos na esfera de

consideração ética dos estudos organizacionais pela via do reconhecimento da importância da agência animal na organização dos espaços urbanos.

Para fechar o dossiê, o texto de título "A insólita busca de uma pomba na cidade de Lisboa", autorado por Luanda Francine Garcia da Costa, articula testemunho, narrativa especulativa e pensamento formal para propor um depoimento que coloca em questão o encontro e o desencontro com uma pomba em intensa condição de precariedade numa região central de Lisboa. O texto procura, a partir de uma conjuntura situada com um vivente real singular, pensar a maneira com a qual criamos, nos organizamos e gerimos as cidades, bem como analisar o lugar de não reconhecimento de outras espécies animais como vidas passíveis de luto, partícipes e pertencentes da nossa sociedade.

Neste compilado de textos, é possível refletir sobre relações entre animais e organizações e suas implicações para sociedades humanas e animais. Podemos também evidenciar e discutir tensionamentos e limitações na teorização hegemônica de nosso campo, que ignora ou invisibiliza modos de vida que não humanos, como se eles não estivessem presentes no organizar, ou como se sua presença pudesse ser reduzida à condição de meros objetos (Fantinel, 2023). Entendemos, como Haraway (2022), que é importante ultrapassarmos uma compreensão representacional ou instrumental de que animais não humanos seriam "bons para pensar" ou "bons para comer", em direção a serem eles "bons para conviver (living with)". Em nossas diferentes espécies, somos constituintes do mundo material, em emaranhados processos que imbricam nossas existências; e nesses emaranhados imbricam-se também práticas e formas organizativas. Fundamental é, então, repensar nossas epistemologias, nossas teorias, nossos métodos, para que dêem conta desses tensionamentos (Hamilton & Taylor, 2013). Queremos, nesse sentido, que este dossiê represente apenas um passo para seguirmos desafiando os saberes e fazeres em nosso campo, em direção a uma agenda alinhada a projetos não apenas epistêmicos, mas também éticos e políticos, de forma engajada a pensar formas de viver e existir para além do antropocentrismo (Tallberg, Välikangas & Hamilton, 2022).

Desejamos uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS

Adams, Carol J. (2012). *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. Rio de Janeiro: Alaúde.

Barreto, Tiago F., Bacelar, Denise F., Lima, Maria H. C. C. A., & Lôreto, Myrna S. S. (2017). "Soltem os beagles": Desvelando o dark side das organizações a partir da perspectiva da ética animal. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 4(1), 279–319. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.63>

Coulter, Kendra (2022). From interesting to influential: looking forward with multispecies organization studies. In Linda Talberg & Lindsay Halmilton (Eds.). *The Oxford handbook of animal organization studies* (pp. 17-27). Oxford: Oxford University Press.

Doré, Antoine. & Michalon, Jérôme (2016). What makes human–animal relations 'organizational'? The de-scription of anthrozootechnical agencements. *Organization*, 24(6), 761-780. <https://doi.org/10.1177/1350508416670249>

Fantinel, Leticia D. (2020). O organizar multiespécie da cidade. In Luiz Alex S. Saraiva & Ana Silvia R. Ipiranga (Orgs.). *História, práticas sociais e gestão das/nas cidades* (pp. 297-344). Ituiutaba: Barlavento.

Fantinel, Leticia D. (2023). E se a gestão entrar no canil? *Revista de Administração de Empresas*, 63(3), e2022-0240. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020230308>

Hamilton, Lindsay & Taylor, Nik (Eds.) (2013). *Animals at work: Identity, politics, and culture in work with animals*. Leiden: Brill.

Hannah, David R. & Robertson, Kirsten (2017). Human-animal work: a massive, understudied domain of human activity. *Journal of Management Inquiry*, 26(1), 116-118. <https://doi.org/10.1177/1056492616655076>

Haraway, Donna J. (2011). A partilha do sofrimento: Relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, 17(35), 27-64. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100002>

Haraway, Donna J. (2022). *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu.

Joy, Melanie (2014). *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas – uma introdução ao carnismo*. São Paulo: Cultrix.

Knight, Charles & Sang, Kate (2019). 'At home, he's a pet, at work he's a colleague and my right arm': police dogs and the emerging posthumanist agenda. *Culture and Organization*, 26(2), 1-17. <https://doi.org/10.1080/14759551.2019.1622544>

Labatut, Julie, Munro, Iain, & Desmond, John (2016). Animals and organizations. *Organization*, 23(3), 315-329. <https://doi.org/10.1177/1350508416629967>

Pina e Cunha, Miguel, Rego, Arménio, & Munro, Iain (2018). Dogs in organizations. *Human Relations*, 72(4), 778-800. <https://doi.org/10.1177/0018726718780210>

Regan, Tom (2001). *Defending animal rights*. Champaign: University of Illinois Press.

Sage, Daniel, Justesen, Lise, Dainty, Andrew, Tryggestad, Kjell, & Mouritsen, Jan (2016). Organizing space and time through relational human-animal boundary work: exclusion, invitation and disturbance. *Organization*, 23(3), 434-450. <https://doi.org/10.1177/1350508416629449>

Sayers, Janet G. (2015). A report to an academy: On carnophallogocentrism, pigs and meat-writing. *Organization*, 23(3), 370-386.
<https://doi.org/10.1177/1350508416629454>

Sayers, Janet, Hamilton, Lindsay, & Sang, Kate (2019). Organizing animals: species, gender and power at work. *Gender, Work and Organization*, 26(3), 239-245.
<https://doi.org/10.1111/gwao.12277>

Singer, Peter (2009). *Animal liberation: the definitive classic of the animal movement*. New York: Open Road Integrated Media.

Tallberg, Linda & Hamilton, Lindsay (2022). *The Oxford handbook of animal organization studies*. Oxford: Oxford University Press.

Tallberg, Linda, Välikangas, Liisa, & Hamilton, Lindsay (2022). Animal activism in the business school: using fierce compassion for teaching critical and positive perspectives. *Management Learning*, 53(1), 55-75.
<https://doi.org/10.1177/13505076211044612>

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO "ANIMAIS E ORGANIZAÇÕES"

Resumo

Texto de apresentação do dossiê temático "Animais e organizações".

Palavras-chave

Animais. Organizações. Estudos organizacionais.

PRESENTACIÓN DEL DOSSIER TEMÁTICO "ANIMALES Y ORGANIZACIONES"

Resumen

Presentación del dossier temático "Animales y organizaciones".

Palabras clave

Animales. Organizaciones. Estudios organizacionales.

PRESENTATION OF THE THEMATIC DOSSIER "ANIMALS AND ORGANIZATIONS"

Abstract

Presentation of the thematic dossier "Animals and Organizations".

Keywords

Animals. Organizations. Organizational studies.

CONTRIBUIÇÃO

Leticia Dias Fantinel

A autora declara ter tido participação equânime nas fases de financiamento, concepção e conclusão.

Tiago Franca Barreto

O autor declara ter tido participação equânime nas fases de financiamento, concepção e conclusão.

Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos

A autora declara ter tido participação equânime nas fases de financiamento, concepção e conclusão.

CONFLITOS DE INTERESSE

Es autores declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Es autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Fantinel, Leticia D., Barreto, Tiago F., Bastos, Bárbara E. N. (2024). Apresentação do dossiê temático "animais e organizações". *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 13-27.